

Senhora de Nazaré: sustentáculo da fé na Amazônia

Antonio Genivaldo Cordeiro de Oliveira

Resumo: O artigo traça sucintamente a história da devoção a Nossa Senhora de Nazaré e do conjunto de procissões que compõem o Círio de Nazaré celebrado em Belém do Pará. A pequena imagem supostamente esculpida na Palestina nos primeiros anos do cristianismo, após ser salva da iconoclastia, foi levada à Península Ibérica. Em Portugal se tornou padroeira dos navegantes. No Brasil, a devoção se tornou central na religiosidade amazônica. Esse processo de aclimação devocional carrega os traços históricos dos processos vividos pelo catolicismo no país. O autor aponta alguns elementos particulares da cultura religiosa do caboclo amazônico que certamente ajudaram no enraizamento local da devoção. Elementos estes que foram negligenciados e por vezes negados pela hierarquia católica.

Palavras-chave: Nossa Senhora de Nazaré, Círio, catolicismo amazônico, encantados.

Abstract: The article draws succinctly the history of the devotion to our Lady of Nazareth and the set of processions which compose the *Círio* of Nazareth celebrations in the city of Belém in the state of Pará. The small image supposedly carved in Palestine in the beginning of Christianity, after being saved from the iconoclasm was taken to the Iberian Peninsula. In Portugal it became the patron saint of the navigators. In Brazil the devotion became central in the Amazonian religiosity. This process of devotional acclimatization carries the historical marks which the Catholicism went through in the country. The author points out some particular elements of the religious culture of the Amazonian natives, which certainly helped in local rooting of that devotion. Those elements were neglected and even denied by the Catholic hierarchy.

Keywords: Our Lady of Nazareth, Círio, Amazonian Catholicism, encantados.

· Doutor em Ciência da Religião pela PUC-SP.

Introdução

No Norte do Brasil, a devoção mariana é protagonizada pela Virgem de Nazaré, mais conhecida pelo Círio de Nazaré que ocorre há 225 anos no segundo domingo de outubro, em Belém do Pará. Devoção que remonta à piedade do catolicismo ibérico e se aclimatou na Amazônia brasileira a partir do século XVIII.

O título dado à pequena imagem de Maria com o menino Jesus no colo teria sido esculpida em Nazaré, na Galileia. Identificada com os primeiros séculos da cristandade, teria sido salva da perseguição iconoclasta; depois de passar pela Espanha, foi entronizada em 711 em pequena capela em Portugal. No século XII, o fidalgo português D. Fuas Roupinho, em uma de suas caçadas naquela região, se viu diante de iminente perigo de despencar no Oceano Atlântico. Lembrando que passara pela capela dedicada à Virgem Maria, implorou sua proteção.

Após seu cavalo parar subitamente à beira do precipício e refeito do susto, foi à capela agradecer a graça alcançada. Em agradecimento, mandou que se erguesse ali a Capela da Memória. Posteriormente, a devoção ganhou o patrocínio da família real portuguesa, que mandou construir outra igreja mais suntuosa. Junto à igreja se formou a vila de pescadores, também denominada de Nazaré. Por essa localização da igreja junto ao mar e por ser possível de ser vista à distância, a santa passou a ser considerada padroeira dos navegantes. Especialmente os navegantes portugueses, que trariam o culto junto com os missionários jesuítas até o Brasil.

No Brasil, a devoção foi introduzida inicialmente em Saquarema, no Rio de Janeiro, a partir de 1630. Para a Amazônia, a devoção foi levada pelos jesuítas à Vigia de Nazaré em 1653, mas alcançaria maior popularidade com o achado de uma imagem em Belém do Grão-Pará.

O “milagre do retorno”

A tradição popular apresenta várias versões para o achado da imagem e para o chamado “milagre do retorno” ou “da fuga” da mesma. O relato histórico de Dom Frei João Evangelista, quinto bispo do Pará (1772-1782), transcreve em um manuscrito sua conversa com Plácido José de Souza, sobre como este teria encontrado a imagem. De acordo com o relato, foi encontrada ao final do mês de outubro, sobre pedras lodosas em uma espécie de nicho natural em meio a trepadeiras, à margem do igarapé Murucutu, onde hoje se localiza a suntuosa Basílica de Nazaré.

Plácido teria levado a imagem para sua residência; no entanto, esta teria desaparecido e sido reencontrada no local inicial. Como o fenômeno se repetiria várias vezes, Plácido teria entendido que a santa queria ser venerada onde fora encontrada, dando início à construção de uma pequena ermida de palha que abrigaria a imagem e passaria a ser ponto de peregrinação e de veneração à Virgem de Nazaré.

Para os conhecedores do processo de formação da religiosidade amazônica, é difícil não ligar este fenômeno ao entendimento dos “encantados”, tão marcantes na mentalidade cabocla, ainda que se considere as ambiguidades e a diferenciação destes para com os santos (cf. MAUÉS, 2005). A existência de lugares próprios da manifestação dos encantados, especialmente florestas, rios, praias e igarapés geralmente com muitas pedras, é algo bem arraigado na mentalidade cabocla. Mais ainda, contrariar os desejos dos encantados abre espaço para o castigo que estes podem infligir às pessoas. Como tal entendimento foi combatido por séculos pela ortodoxia católica, especialmente por um clero europeu importado, com a missão de enquadrar o catolicismo local, é possível entender por que tal associação foi deixada de lado. Vale ressaltar ainda o aspecto ecológico que esse imaginário religioso carrega e como seria propício aos desafios atuais. Porém, continua à margem do entendimento eclesial e resgatado apenas por alguns pesquisadores (cf. MAUÉS; VILLACORTA, 1998).

Com a morte de Plácido, o cuidado da santa ficou a cargo de seu amigo Antonio Agostinho, que conseguiu construir outra ermida no local. Nessa construção simples já se relata a construção de cabides nas paredes laterais para receber os ex-votos do pagamento das promessas.

Da devoção local ao controle das autoridades

Essa primeira fase devocional marcada pelos “donos do santo”, própria do catolicismo tradicional no Brasil, com o crescimento da devoção logo passaria ao controle das autoridades civis e eclesiásticas.

Em fevereiro de 1773, Dom Frei João Evangelista Pereira, quinto bispo de Belém, foi visitar o local de peregrinação à Virgem de Nazaré logo após sua chegada a Belém. Após a visita, resolveu enviar a imagem a Portugal para que fosse reformada. Solicitou também à rainha, Dona Maria I, e ao Papa Pio VI a licença oficial para a realização da festividade de Nossa Senhora de Nazaré. A imagem retornou a Belém em outubro do

ano seguinte. A população a recebeu com grande festa no porto, seguindo-a em uma grande procissão até a ermida.

A licença para a realização da festividade só seria concedida em 1790 e comunicada no Pará durante um período de vacância no episcopado, em 1792, pela rainha ao então Capitão Geral do Rio Negro e Grão-Pará, Francisco de Souza Coutinho. Este não tardou em fazer uma visita ao “arraial” já promovido pelos fiéis no mês de outubro.

O primeiro Círio

Após a permissão de realização da festa, o governador planejou organizar para setembro do ano seguinte uma grande feira com produtos agrícolas das várias regiões da capitania. Entretanto, no final do mês de junho, o capitão adoeceu e ficou receoso de não poder inaugurar a feira, prometendo que, se ficasse curado, iria mandar buscar a imagem de Nossa Senhora de Nazaré ao Palácio e na capela seria celebrada uma missa, seguida de procissão até a ermida. Tendo alcançado a graça, veio o cumprimento da promessa em 8 de setembro de 1793, quando foi realizada a procissão considerada como o primeiro Círio.

À frente do cortejo seguiu a cavalaria e a imagem foi transportada pelo capelão em um palanquim azul, ladeada por uma guarda nobre, o capitão, o Cabido Diocesano, todos os integrantes das casas civil e militar e uma multidão de devotos, entre brancos, indígenas e negros (COLENY, 2017, e DUBOIS, 1946, p. 60-61).

Como as primeiras procissões eram realizadas à noite, um grande círio guiava a procissão, iluminando-a. Com o passar dos anos, o símbolo acabou dando o nome ao conjunto das celebrações, mesmo depois que a principal destas procissões passou a ser realizada durante o dia. Hoje, há um conjunto de procissões que se inicia na sexta-feira que antecede o Círio: traslado, romaria rodoviária, romaria fluvial, moto-romaria, transladação, romaria do Círio, ciclo-romaria, romaria da juventude, romaria das crianças, romaria dos corredores, procissão da festa e recírio, realizado quinze dias após o Círio.

O Círio nasce da oficialização da devoção popular pelas autoridades civis e eclesiásticas de então, favorecendo seu crescimento e levando à criação da Paróquia Nossa Senhora de Nazaré do Desterro, em 1861. Ao longo dos anos, vários elementos

foram incorporados à procissão: berlinda, manto, corda, que providencialmente resolveria os constantes atolamentos da berlinda e se tornaria um dos elementos marcantes da procissão. Alguns destes elementos foram de fácil acomodação, já outros passaram por intensas disputas, até se firmarem como parte do grande conjunto que compõe o atual Círio de Nazaré.

O controle eclesiástico e a “romanização” da devoção popular

A simbiose entre o político e o religioso, típica do período colonial, não tardou a se enfraquecer com o avanço das ideias liberais e o anticlericalismo que avançavam no Brasil. Esse período foi marcado pelas várias disputas entre as irmandades e as autoridades eclesiásticas pelo controle e pela promoção das festas devocionais. O Círio de Nazaré viveu essa disputa, que se acirrou entre 1877 e 1878 com a chamada “Questão Nazarena”. As autoridades eclesiásticas, seguindo as orientações traçadas pelo Concílio Vaticano I, começaram a se opor ao controle das irmandades e organizações eclesiais lideradas em muitos casos por membros da maçonaria que, influenciados pelas crescentes disputas entre Igreja e Estado, se recusavam aceitar a interferência de eclesiásticos nas festividades tradicionais (cf. MONNERAT, 2009).

Esse quadro de disputas entre as lideranças leigas e as autoridades eclesiásticas era mais um dos desafios que levou grande parte do episcopado brasileiro a pôr em prática o chamado processo de romanização. Tal processo contou com a contribuição de várias congregações religiosas estrangeiras que assumiriam a tarefa de “enquadrar” o catolicismo brasileiro. É nesse quadro que a Paróquia de Nazaré foi confiada em 1905 aos Clérigos Regulares de São Paulo, ou Padres Barnabitas. Estes, em 1909, dariam início à construção de uma nova igreja projetada nos moldes da Basílica de São Paulo Extramuros, em Roma, de estilo neoclássico e eclético, projetada pelos arquitetos genoveses Gino Coppedé e Giuseppe Predasso. A Comissão Estadual de Obras, entretanto, interferiu no projeto, incluindo as duas torres frontais. Em 1923, recebeu o título de Basílica do Papa Pio XI. Em 31 de maio de 2006 foi elevada à categoria de Santuário Mariano da Arquidiocese. A basílica e vários outros elementos que compõem o Círio foram declarados Patrimônio Cultural da Humanidade pela da Unesco em 2013.

Conclusão

O Círio de Nazaré, chamado também de Natal dos Paraenses, celebrado no segundo domingo de outubro, continua a ser um elemento importante da identidade cultural dos paraenses, ultrapassando fronteiras, como em Caiena, na Guiana Francesa, e em muitos outros lugares que mantêm viva a imagem da Virgem de Nazaré.

Essa devoção é mais um exemplo da vivência da fé do povo simples, profundamente marcada pela devoção à Mãe de Jesus. Claramente moldada pelos momentos históricos de nosso país, vai se adaptando, por vezes controlada pelas autoridades, por outras encontrando espaços alternativos de manter vivos elementos que lhes são próprios e nem sempre compreendidos pela ortodoxia eclesial.

A devoção trazida pelo catolicismo ibérico se aclimatou na Amazônia brasileira a partir do achado da imagem por um caboclo, mostrou-se portadora de um desejo considerado sagrado de ter um espaço de veneração assegurado, ganhou seu “encanto” local, para posteriormente passar ao controle das autoridades civis. Do protagonismo leigo, passou ao controle eclesiástico marcado por conflito e enquadramento de um clero europeu, tal como retratado nos vitrais da Basílica, em que o caboclo e a população local são vestidos à moda europeia. Das redescobertas dos valores presentes na religiosidade popular, busca-se a uma organização mais eficiente que, embora tente uma melhor acomodação da experiência devocional pessoal, não alcança todas as suas dimensões.

À semelhança dos rios da Amazônia, a devoção à Virgem de Nazaré chega mais próximo da vida do povo simples, onde a instituição não alcança, gerando o ecumenismo no qual, igrejas evangélicas que antes combatiam tal devoção, hoje se irmanam na distribuição de águas aos romeiros católicos, falando ao coração do povo de modo que nenhuma racionalidade consegue explicar.

Referências

- ALVES, Aparecida Matilde. *Nossa Senhora de Nazaré, Rainha e Padroeira da Amazônia*. São Paulo, Paulinas. 2011. (Coleção imagem e Oração).
- BIBLIOTECA DO CÍRIO. Disponível em: <<http://bibliotecadocirio.org/>>. Universidade Federal do Pará. Último acesso: 15 ago. 2017.
- CÍRIO DE NAZARÉ. Disponível em: <<http://nazare10.com.br/>>. Último acesso: 15 ago. 2017.

- COLENY, Fabrício. *Círio de Nazaré*: história. <<http://ciriodenazare.com.br/site/cirio/historia/>>. Último acesso: 15 ago. 2017.
- DUBOIS, Florencio. *Nossa Senhora de Nazaré*: sua devoção em Portugal e no Pará – Sua basílica em Belém do Pará. São Paulo: Gráfica Siqueira, 1946. Disponível em: <<http://bibliotecadocirio.org/>>. Último acesso: 15 ago 2017.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. In ESTUDOS AVANÇADOS 19 (53), 2005. p. 259-274. Último acesso: 15 ago 2017.
- MAUÉS, Raimundo Heraldo; VILLACORTA, Gilberto M. *Pajelança e encantaria amazônica*. Trabalho apresentado nas VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, São Paulo, 22-25 set. 1998. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/324998179/Pajelanca-e-Encantaria-Amazonica>>. Último acesso: 15 ago. 2017.
- MEGALE, Nilza Botelho. Nossa Senhora de Nazaré. In: *Cento e doze invocações da Virgem Maria no Brasil*: história-iconografia-folclore. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 262-265.
- MONNERAT, Patrícia Carvalho Santoro. *Festa e conflito*: D. Antônio e a questão nazarena (1861-1878). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009. Disponível em: <<http://bibliotecadocirio.org/>>.
- SILVA, Gerson. *Santos e Encantados da Amazônia*: os espíritos da natureza. <http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400206941_ARQUIVO_ArtigoparaaANPUH,EncantadosdaAmazonia.pdf>. Último acesso: 15 ago. 2017.

Recebido em 04/08/17

Aprovado em 18/08/17